

**Aluno: Tulio de Almeida Belo**

**Número USP: 6806906**

## **RELATO CRÍTICO N°1**

### **CONTEXTO**

O avanço nas ciências, nas artes, na tecnologia ou na linguagem representam a criação de uma barreira para o “verdadeiro ser” frente a uma sociedade de estereótipos – e mascaradas? Este é um dos questionamentos de Rousseau no livro “Discurso sobre as ciências e as artes” que, por meio de diferentes conteúdos, foi abordado nas primeiras aulas deste curso.

Para dialogar com o raciocínio de Rousseau neste primeiro relato crítico, temos referências de alguns filmes que apresentam a dicotomia social do pós-modernismo – onde estamos, ao mesmo tempo, cada vez mais próximos e mais distantes uns dos outros: Playtime, Medianeras e Her.

Apesar de ter sido produzido há mais de 4 décadas, o filme Playtime continua incrivelmente atual e o enredo de Jacques Tati é uma grande “fábula” do pós-modernismo. A saga de Sr. Hulot em uma Paris totalmente sofisticada é um retrato muito fiel dos desafios contemporâneos. A dificuldade, por exemplo, que a personagem enfrenta em circular por um edifício, repleto de escadas e elevadores, em busca de uma simples “conversa” é um paralelo muito interessante sobre o paradoxal afastamento social que a tecnologia proporciona.

Por outro lado, em Medianeras, somos apresentados a duas personagens em meio à cena urbana de Buenos Aires: um homem e uma mulher vivendo o mesmo “momento de vida”, ancorados em suas manias e na solidão, que, apesar de terem hábitos muito semelhantes e serem praticamente vizinhos, nunca foram além de alguns “esbarrões” rotineiros. Em dado momento do filme, porém, a tecnologia e a impessoalidade de um chat surgem como o elo de ligação social e permitem – à sua maneira estranha – que eles finalmente se encontrem.

Já em “Her”, a tecnologia é curiosamente um integrante ativo da relação social. No filme de Spike Jones, a atriz Scarlett Johanson (ou sua voz sensual) atua como um software que encanta e apaixona o solitário escritor vivido por Joaquin Phoenix. Até que ponto a tecnologia consegue suprir a necessidade humana de convívio em sociedade? Nesta produção, a inquietante relação do homem com a máquina nos faz questionar alguns princípios básicos e os caminhos da tecnologia.

Com a análise destas obras, conseguimos traçar uma visão crítica da sociedade contemporânea. Podemos notar, por exemplo, a busca constante de uma suposta racionalização e simplificação das coisas - principalmente quando a tecnologia está envolvida. Esta afirmação é reforçada com a leitura da introdução do texto “A CORRIDA PARA O SÉCULO XXI - No loop da montanha-russa”, do autor brasileiro NICOLAU SEVCENKO.

No texto, ele apresenta a evolução tecnológica como uma montanha russa e afirma que, apesar de estarmos vivenciando o clímax deste universo de possibilidades, esta aceleração contínua também desencadeia um ciclo inconsequente que pode desencadear crises.

O modernismo chegou de forma incisiva e desenfreada em uma sociedade onde a inesgotável disponibilidade da informação e a inovação embriagam e confundem os elementos. A identidade, antes limitada às interações reais, hoje se encontra em uma “casa vitrine” como a retratada no filme “Playtime”, onde a personagem virtual coexiste – ou substitui, no caso de “Her” – as relações a que estamos acostumados.

Fonte:

### **Filmes**

Medianeras (Gustavo Taretto, ARG, 2011)

Playtime (Jacques Tati, FRA, 1967).

Her (Spike Jonze, EUA, 2014)

### **Leituras**

SEVCENKO, Nicolau. “Introdução”. In: A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. “A dúvida de Cézanne”. In: O olho e o espírito. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

Jean-Jacques Rousseau. Discurso sobre as ciências e as artes. Tradução: Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1997. P. 165-214. Coleção Os Pensadores, Vol. II.